

PRÁTICAS DEVOCIONAIS

CAPÍTULO 9 – PRÁTICA DO DISCERNIMENTO – 2ª PARTE

Na primeira parte dos nossos estudos sobre a prática do discernimento, vimos três áreas onde devemos exercitar essa prática: a necessidade de discernir entre o bem e o mal, a necessidade de discernir entre o falso e o verdadeiro e a necessidade de discernir entre a vontade própria e a vontade de Deus. Vejamos mais três áreas onde a prática do discernimento é necessária:

4 – É preciso discernir entre a falta alheia e a própria falta: Enxergamos a falta alheia com muita facilidade, mas muitas vezes a falta própria passa despercebida (Sl.19.12). Davi, por exemplo, quando confrontado por Natã, discerniu com rapidez a injustiça do homem rico da parábola, mas não percebeu que esse homem apontava para ele mesmo (2Sm.12.1-6). Somos rápidos em apontar os erros do próximo, mas lentos em perceber e assumir os nossos erros.

5 – É preciso discernir entre os acontecimentos comuns e os grandes momentos de Deus: O Senhor Jesus, o Verbo que estava com Deus e era Deus, fez-se carne e *“veio para o que era seu”*, mas *“os seus não os receberam”* (Jo.1.11). Às vezes, damos valor aquilo que não tem valor, por outro lado, esquecemos de realidades que possuem valor eterno. Isso mostra o absurdo da falta de discernimento entre aquilo que é comum e aquilo que é extraordinário. Há dias especiais no calendário de Deus que devem ser conhecidos e distinguidos dos dias comuns. Esses dias que hoje são especiais representam *“o dia dos pequenos começos”* (Zc.4.10), pois no início, alguns desses eventos não tinham grande repercussão, mas depois passaram a ter.

6 – É preciso discernir entre o Espírito da verdade e os espíritos do erro: Há pessoas que são movidas pelo Espírito de Deus e há pessoas que são movidas por espíritos que estão afastados de Deus. Sobre isso, o apóstolo João nos ensina: *“Amados, não deis crédito a qualquer espírito; antes, provai os espíritos se procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo afora”* (1Jo.4.1).

Há uma relação entre a prática do discernimento e a parábola do trigo e do joio. Essa parábola explica de forma bem real o drama terrível da semelhança

dos filhos do reino (o trigo) com os filhos do maligno (o joio). Essa semelhança entre um e outro é tão grande, pelo menos no início, que qualquer providência para separar um do outro antes do tempo certo da colheita é proibida pelo dono das terras. O grande ensino de Jesus nessa surpreendente parábola é a esperança de que a presente situação confusa não continuará para sempre. Na época da colheita final, que coincide com o retorno de Jesus em poder e muita glória, o que é falso, espúrio e o que foi introduzido na escuridão da noite no espaço e no tempo será definitivamente queimado no fogo (Mt.13.24-30, 36-43). Depois disso, a prática do discernimento será desnecessária. Nos novos céus e na nova terra, a prática do discernimento como temos aqui nessa vida não será de forma nenhuma necessária, pois lá tudo será perfeitamente perfeito num nível que nossa mente imperfeita e limitada nem consegue conceber. Entretanto, do lado de cá da eternidade, a prática do discernimento continua sendo uma prática extremamente necessária para a caminhada cristã nossa de cada dia. Peçamos discernimento a Deus e busquemos discernimento na Palavra.

Que Deus nos ensine e capacite e discernir as realidades que se nos apresentam, a partir das Escrituras Sagradas e na dependência do Espírito Santo.

Exercícios de reflexão

- No livro de Isaías, algumas pessoas diziam que o certo estava errado e que o errado estava certo, que o preto era branco e o branco era preto, que o amargo era doce e o doce era amargo (Is.5.20). Você já chegou a fazer o mesmo?
- Por que é muito fácil enxergar a falha alheia e não a falta própria?
- Sua vontade própria sempre coincide com “*a boa, agradável e perfeita vontade de Deus*”? Por quê? O que fazer nesse caso?